

EUGENIO F. GRANELL: SOB O SIGNO ASCENDENTE DA CRIAÇÃO MENTAL

Robert Ponge

Eugenio Fernández Granell nasce em 1912 em La Coruña (Galícia, Espanha). A partir de 1928 vive em Madrid, onde começa a estudar música e integra-se aos meios de esquerda, adotando uma postura de crítica às posições stalinistas. Durante a Guerra Civil, dirige o periódico *El Combatiente rojo* e conhece Joaquín Torres-García, George Orwell, Kurt Landau, Wifredo Lam e Benjamin Péret, entre outros. A vitória franquista o obriga a se exilar na França e, posteriormente, com a derrota francesa frente às tropas de Hitler, deve buscar refúgio além-mar, na República Dominicana, onde chega em 1940.

Nesse país do Caribe, vivencia uma tríplice “conversão” (A. C. Molina): primeiro à pintura e à escritura; depois ao surrealismo, após conhecer André Breton, que chega na ilha em 1941, fugindo da França, a caminho para o exílio nos Estados Unidos. Em 1943, com o chileno Alberto Baeza Flores e com poetas dominicanos, funda a revista *La poesía sorprendida*, para a qual contribui com poemas, traduções e desenhos. No mesmo ano, apresenta sua primeira exposição individual de desenhos e pinturas. Em 1944, publica seu primeiro livro (*El hombre verde*) e pinta suas primeiras *Cabezas de indio*.

Em 1946, com o endurecimento da ditadura de Trujillo, é obrigado a fugir, encontrando refúgio na Guatemala, onde leciona na Escola de Artes Plásticas. Em 1947, participa com obras na exposição *Le Surréalisme en 1947* (Paris) e colabora com a revista surrealista *Néon*. Em 1948, organiza uma Exposição Surrealista Internacional na capital da Guatemala. Novamente perseguições políticas o impelem a fugir daquele país.

Chega a Porto Rico onde divide seu tempo entre a escritura, atividades de criação plástica e aulas de pintura e de história da arte na Faculdade de Humanidades. Em 1951, publica seu *Isla cofre mítico*. Através de suas pinturas deste período (como seus *Pájaros Pi*, suas *Máquinas*, seus *Encuentros*, ou *El barco perdido en el desierto*, 1953, ou ainda *Retrato póstumo de Baltasar Gracián*, 1954), tem-se acesso às “fabulosas imagens de [sua] descoberta das Américas”, que permitem divisar uma “extravagante fauna da qual fazem parte o ‘pássaro-pincel’, o ‘galo-relógio de sol’ ou a ‘galinha-máquina de coser’”, fauna que “o penetrante olhar de

Benjamin Péret, esse magnífico olhar de poeta, soube ver nas obras de seu amigo Eugenio Granell, cujo olhar não é menos magnífico” (José Pierre).

Em 1954, viaja a Paris onde revê Péret, Lam, Breton, conhece outros membros do grupo surrealista e apresenta uma exposição individual na galeria *À l'étoile scellée*. A partir de 1956, sua obra torna-se mais abstrata, constituindo seus quadros “territórios entre marinos e selváticos, vertiginosos” (Juan Manuel Bonet). Em 1959, fixa-se em Nova Iorque; sua pintura vê nascer uma nova geração de “seres fabulosos” (B. Péret); torna-se amigo de Marcel Duchamp. A partir de então, publica vários livros (entre outros, *La novela del indio Tupinamba*, 1959; *El clavo*, 1967; *La leyenda de Lorca y otros escritos*, 1973; *Estela de presagios*, 1981), participa de numerosas exposições surrealistas, bem como do movimento Phases e colabora em várias revistas.

Em torno da metade dos anos 60,

abre-se o período de sua obra no qual se encontra atualmente, uma fase mais figurativa que a anterior, povoando-se o espaço de seus quadros de seres maravilhosos e multicolores. Os títulos fazem freqüentemente alusão a motivos poéticos como, por exemplo, *Teresa de Ávila se pregunta si volver o no a Toledo* (1964), *El encuentro de la Serranilla con el marqués de Santillana* (1976), *El encuentro de Jules Laforgue con la reina de Alemania* (1983), *Las muchachas decapitadas de Maldoror* (1983) e *La jornada del poeta en la isla del dragón*, este último alusivo à estadia de André Breton em Tenerife [em 1935]. Também há alguns títulos relacionados com a história da arte: *Retrato apócrifo de pintor virreinal* (1974), *Paolo Ucello retorna a Toledo* (1983) ou *La gran lechuga del Museo del Prado* (1984). O humor, obviamente, desempenha um papel determinante em muitas dessas obras (Juan Manuel Bonet).

Em 1985, Eugenio Granell volta a se instalar em Madrid onde, sob “o signo ascendente da criação mental” (título de um dos seus quadros), continua a desenvolver sua proposta plástica, que ultrapassa os limites das fronteiras geográficas para adquirir uma conotação de “idioma pictural universal” (José Pierre).